

TÍTULO: A MÚSICA CAPIRA EM AULAS DE HISTÓRIA: QUESTÕES E POSSIBILIDADES

*Edilson Aparecido Chaves¹
Tânia Maria F. Braga Garcia²*

O presente trabalho apresenta alguns resultados da pesquisa de dissertação de mestrado “A música caipira em aulas de história: questões e possibilidades” defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação Área de Concentração: Cultura, Escola e Ensino da UFPR. Um dos objetivos foi analisar a presença e ausência da música brasileira nos manuais didáticos voltados para o Ensino Fundamental³, em especial, a ausência da música caipira ou sertaneja de raiz. Numa análise das vinte e coleções aprovadas pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático – 2002/2005), nenhuma apresentava propostas de trabalho com o gênero em questão.

É importante esclarecer que o caminho percorrido na análise dessas obras levou em conta algumas considerações: a primeira foi verificar quais canções foram privilegiadas e suas incidências nesses manuais; a segunda foi identificar quais metodologias os autores usaram para análise dessas canções e se são trabalhadas no manual do professor ou livro do aluno e a terceira consideração é a discussão sobre a ausência da música caipira nesses manuais e a possibilidade, a partir de indicações, de propostas de trabalho com esse gênero, aliada com os conteúdos trabalhados em sala de aula, nas aulas de História.

Nossa pesquisa visa engrossar uma discussão que vem tomando corpo ao longo dos anos na área de história e que ganha um reforço com os **PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais)** quando estes indicam como objetivos do ensino fundamental que os alunos sejam capazes de: “utilizar as diferentes linguagens verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação” (PCNs p. 7: 1998).

No primeiro capítulo, apresenta-se uma discussão sobre o conceito de cultura a partir do pensamento de Raymond Williams que se contrapõe a uma cultura elitista e canônica, sugerindo uma cultura comum. Para ele, a cultura tradicional canônica é um patrimônio

¹Universidade Federal do Paraná – UFPR. Mestre em Educação

²Orientadora

³A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9.394/96) estabelece que o Ensino Básico compreende os Ensinos Fundamental I e II e o Ensino Médio. Nosso trabalho está voltado para o Fundamental II ou 3º e 4º ciclos.

comum, uma herança comum, que a educação tem a tarefa de difundir, tornar acessível a todas as classes sociais, da mesma forma que a cultura popular.

No segundo capítulo são apresentados elementos mais específicos sobre a conceituação do livro didático, de forma a articular as análises de vinte e duas coleções de manuais didáticos de História para quinta à oitava série do ensino fundamental, aprovados no PNLD de 2005, totalizando 84 livros.

No terceiro capítulo, são descritos analiticamente os resultados do trabalho empírico realizado com alunos de uma turma de Ensino Médio de Escola Pública, no qual foram estruturadas e propostas algumas questões de investigação relacionadas à presença da música no cotidiano dos jovens e de suas famílias, bem como uma caracterização de elementos constitutivos das relações que estabelecem com a música fora e dentro do espaço escolar e, finalmente, algumas atividades com a música caipira para verificar as formas pelas quais se relacionam especificamente com este gênero, com a finalidade de contribuir para a discussão das possibilidades de seu uso em aulas de História.

Considerações sobre a música caipira

Na década de 1920⁴, surgem no Brasil estudos de resgate dessa cultura, denominada popular, e novas discussões são travadas na direção de se opor passado e presente, a música passando a ser uma das formas de resgate do passado. Foi a partir dessa década que surgiram as primeiras canções caipiras gravadas em disco como a célebre "Tristezas do Jeca", composta por Angelino de Oliveira em 1918 e gravada em 1923. Mas será com Cornélio Pires e sua Turma que esse gênero musical entrará na indústria cultural. Cornélio passou a se apresentar pelo interior paulista fazendo shows, gravando seu primeiro disco em 1929. Como o gênero ainda era desconhecido, tirou dinheiro do próprio bolso, acreditando no sucesso que estava por vir.

Grandes mudanças passam a ocorrer na composição das letras; as temáticas que antes tratavam de ritos religiosos, canções de trabalho, ciclos da lavoura, passam agora a tratar do amor, da nostalgia (canções de exílio). Como afirma José de Souza Martins⁵ "... é o esforço que o agente faz para reconstituir seu universo simbólico no próprio contexto urbano,

⁴A Semana de Arte Moderna de 1922 apontava para a necessidade de construção e consolidação de uma identidade nacional. O modernista Mario de Andrade buscava nas culturas populares rurais os elementos constitutivos de uma autêntica música brasileira.

⁵MARTINS, *op. Cit.*, . 34

apropriando-se positivamente de determinadas mensagens culturais que, embora produzidas na cidade, recorrem a modos rústicos de estruturação da experiência”.

Mas, se o homem do campo migrou para a cidade, a que classe passa a pertencer? Dada a grande migração gerada a partir de 1950, conhecido como período desenvolvimentista, esses homens passam a fazer parte dos segmentos da classe operária, sem no entanto esquecer o passado, como relata a narrativa da canção a seguir:

*“É só eu pega na viola, me vem a recordação:
o tempo do meu sitinho,
que tudo era bom, ai...
que tudo era bom.
(...)”*

Verifica-se, portanto um reajuste da cultura rural frente à urbana, na qual a primeira obrigatoriamente passa a aceitar as condições impostas pela segunda. Mas o caipira jamais esqueceria sua origem e, um dos instrumentos utilizados para tal fim, foi a música.

Vale destacar, no contexto da preservação de valores culturais, o surgimento de um novo gênero dentro da música caipira, conhecido como “Tupiana”, iniciado em 1958 por Alcides Felismino de Souza (Nonô Basílio) e Mário Zan. Esse gênero tinha como objetivo criar um ritmo essencialmente brasileiro visto que, segundo os autores, o Brasil vinha recebendo uma maciça carga de ritmos estrangeiros, denominados por eles de “alienígenas”, os quais prejudicavam a música regional brasileira - essas músicas “alienígenas” na verdade eram rasqueados e guarânias do Paraguai que a cada dia ganhavam mais força no Brasil urbano e rural.

Objetivando, portanto, barrar essa influência, os compositores iniciaram um movimento de “combate” à música estrangeira. Infelizmente, o novo gênero não teve repercussão e o movimento acabou por produzir apenas três canções no ritmo tupi: “*Alvorada Tupi*”, “*Linda Forasteira*” e “*Manakiriki*”.⁶

Tomando-se essas idéias postas, ainda de forma inicial, configurou-se um projeto de investigação que procure discutir um tipo de aprendizado em relação ao trabalho com a história/música/canção, apontando possibilidades de trabalho no ensino que permita criar condições para que o aluno adquira os instrumentos necessários que lhe permitam decodificar idéias já existentes e produzir novas.

⁶SILVESTRINI. Bernardino V, ZAN. Mario. SANTOS. Elpídio dos. **Nova Flor**. São Paulo: phonodisc, 1958. 1 disco (36 min): 33 rpm, microsulco, estéreo. 0-34-405-404.

A problemática que origina a construção desse objeto de pesquisa encontra-se na relação de professores de história com os saberes que ensinam, particularmente na direção de investigar como se dá a transposição didática com o uso da música em sala e a compreensão das letras enquanto elementos históricos e simbólicos. Por conseqüência, concorrem para sua justificativa a relevância do aprimoramento do trabalho docente e seus possíveis benefícios para a melhor qualificação do trabalho em sala de aula.

Partindo dessa premissa, pode-se observar um elemento constante no cotidiano de alunos, sejam eles do Ensino Fundamental ou Médio, e que paradoxalmente tem sido menosprezado na sala de aula e subestimado no meio acadêmico. Trata-se do trabalho da música de raiz associada ao ensino de história.

É possível observar que nos últimos anos tem sido bastante comum a utilização da canção, seja como fonte para a pesquisa histórica, seja como recurso didático para o ensino das ciências humanas em geral. Mas, percebeu-se também em uma revisão bibliográfica preliminar que grande parte das pesquisas foram concentradas em temas como a *Bossa Nova*, *Tropicalismo* e a *Jovem Guarda* sendo o gênero caipira simplesmente descartado nos manuais didáticos, as músicas não são citadas como fontes históricas ou mesmo como crônicas do cotidiano.

A música caipira faz parte da memória, está dentro de um contexto que expressa as angústias do homem do campo frente à sua nova realidade - que é a urbana - e deixar esse momento cair na escuridão seria uma grave perda cultural/pedagógica.

Na perspectiva do historiador Jacques Le Goff, "Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio, e fazer a história a partir de documentos e das ausências de documentos"⁷. Dentro desse contexto, o estudo das canções servirá como um elemento de análise e compreensão da realidade vivida. Dentre os temas cantados nas modas e músicas caipira/sertaneja, muitos deles carregam críticas a governos, apreciações sobre os problemas do cotidiano, como é o caso da música "moda do bonde camarão" antes denominada "bonde camarão" em que um caipira ao chegar na cidade de São Paulo descreve as características dos bondes modernos:

*"Aqui em São Paulo
o que mais me amola
é esses bonde
que nem gaiola.*

⁷ GOFF, Jacques Le. *História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. P. 109.

*Ceguei, abriro a portinhola,
leveí um tranco
e quebrei a viola.
Inda puis dinheiro na caxa de esmola⁸".*

Essa música revela, num primeiro momento a recusa do caipira em entender o capitalismo na sua forma mais original, o de exploração, isso se revela no uso da máquina para se locomover e na "caxa" de esmola, que na verdade é o lucro da empresa.

Jovens, música e ensino de história

Os alunos participantes da pesquisa apresentaram elementos comuns, em suas respostas aos questionários aplicados, quanto à canção caipira e a possibilidade de seu uso nas aulas de História. Ficou claro que a grande maioria não consome músicas desse gênero, mas também não consomem muitos dos gêneros indicados nos manuais didáticos, como a MPB.

Ficou claro também que a música caipira está presente como elemento da cultura primeira dos alunos, associada por muitos deles com suas origens familiares no interior do país, e reconhecida também como gênero que agrada pais e parentes.

No entanto, informações dadas por alguns alunos que responderam aos questionários apontaram para a existência de uma relação entre a música caipira e a cultura primeira dos jovens. Embora esses alunos não tenham como opção a audição da música caipira em seu cotidiano, suas respostas revelaram uma forte presença desse gênero musical no interior de algumas famílias, sobretudo aquelas oriundas do interior do Estado do Paraná, situação que configura a origem da maioria dos jovens pesquisados.

Embora expressando inicialmente que não incluem a música caipira entre seus gostos pessoais, e referindo-se a ela, também inicialmente, de forma pejorativa, após participarem da atividade realizada como parte do trabalho empírico, constituindo-se em uma experiência de ensino, os jovens manifestaram, em sua maioria, a possibilidade de que esse gênero seja compreendido, assim como outros incluídos nos manuais didáticos, como elemento da cultura que pode ser trabalhado nas aulas de História e que pode contribuir para o aprendizado dos jovens alunos nessa disciplina escolar.

O fato de que os alunos estabeleceram notas baixas para a música caipira no segundo questionário aplicado deve ser examinado, também, na relação com outro resultado: eles

⁸“O bonde camarão”, de Mariano da Silva e Cornélio Pires.

foram capazes de lembrar de algumas músicas trabalhadas em sala por seus professores em anos anteriores, músicas que em sua maioria estão presentes nos manuais didáticos, mas que também foram incluídas nas aulas pelos professores de diferentes disciplinas e que também não estão entre os gêneros indicados por eles entre as suas preferências e gostos.

Pode-se entender que, sendo a música caipira excluída desses manuais, não houve - ao menos no ensino fundamental - uma contribuição no sentido da valorização desse tipo de música no âmbito escolar e, particularmente, no contexto das aulas de História.

Algumas questões podem estar associadas a posição negativa dos alunos em relação à música caipira: a ausência desse gênero em manuais didáticos do ensino fundamental, a pouca divulgação da grande mídia em nível nacional de cantores ou compositores do universo caipira, o preconceito ainda existente quanto à forma de se cantar do interior, sobretudo quanto ao uso de expressões de linguagem, e a permanência da idéia do caipira - ou aquele que o representa - como "atrasado". Certamente são questões que merecem ser aprofundadas em trabalhos e discussões futuros em outras áreas geográficas, numa tentativa de comparar se o pensamento dos jovens pesquisados nesse colégio do Paraná apresenta semelhanças ou diferenças significativas com relação ao pensamento de jovens de outras regiões do país.

Identifiquei aqui um aspecto interessante para as aulas de História, que é a possibilidade de alunos de outras regiões do país terem contato com uma cultura que, embora esteja mais presente em regiões como o Centro Oeste, Sudeste e Sul do Brasil, compõe uma cultura nacional. Claro está que nem todos os conteúdos e conhecimentos podem ser relacionados às canções, mas se há o objetivo de formar os alunos para a cidadania, é necessário oferecer a eles as melhores ferramentas para que possam aprender. Penso que a música caipira pode ser incluída dentro dessa possibilidade, pois como revelaram os sujeitos que colaboram nesta investigação, jovens alunos de Ensino Médio, a música caipira tem algum significado em sua cultura primeira e, portanto, não inserir esse gênero musical nos estudos em sala de aula significa desconsiderar ou mesmo silenciar - no espaço da cultura elaborada - uma cultura presente em suas vidas.

Mas que lugar teria a cultura caipira e sua música na cultura escolar? Ora, ao se pensar a escola como um lugar em que se "prepara para o futuro" e que nesse futuro apenas serão aceitos cidadãos que se apropriaram e valorizam a chamada "cultura superior", então a cultura caipira e sua música de nada valerão. Porém, ao pensar a cultura na perspectiva de Raymond Williams, ou seja, como uma cultura comum em que não há exclusão e antagonismos entre os

conteúdos , em uma concepção em que todas as culturas são vistas como verdadeiramente democráticas, então o uso da música caipira nas aulas de História ou outras disciplinas fará sentido.

Georges Snyders (1988) defende a idéia de que a escola é um local onde os jovens devem buscar e sentir a satisfação cultural, fato que pude observar a partir das respostas dos alunos, em que expuseram a alegria da audição de uma canção aliada ao conhecimento histórico, ou seja, a satisfação em ter participado de uma situação de ensino e aprendizagem em que puderam compreender as possibilidades de diálogo da cultura primeira com a cultura elaborada.

O intuito da proposta de trabalho apresentada aos jovens não foi de que esses alunos, a partir da audição e discussão das canções caipiras, viessem a gostar do gênero, mas que pudessem conhecer quem cantou e quem canta o caipira, verificar a presença de temáticas históricas nessas canções, sem criar estereótipos e preconceitos acerca dessa cultura.

A pesquisa realizada levanta questões que poderão ser aprofundadas por outros pesquisadores sobre a ausência/presença deste gênero nas aulas de História. O que fiz foi apontar a possibilidade de se trabalhar essa música nas aulas de História, verificando a possibilidade de, a partir delas, criar sentidos a serem compartilhados com jovens estudantes que gostam de rock, RAP, MPB ou outros gêneros. No entanto, a indicação de um maior número de canções caipira/sertanejas nos manuais didáticos seria, para já, uma contribuição para se desfazer discursos sobre a inferioridade desse gênero, principalmente se a indicação for acompanhada de adequadas orientações didáticas para o trabalho dos alunos.

Referências

BONIFAZI, Elio; DELLAMONICA, Umberto. *Coleção Descobrimo a História*. São Paulo: Ática, 1ª ed., volumes 3 e 4. 2005.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio**. Brasília. 1999. P. 307.

CALDAS, W.; CHACON, P.; MUGGIATI, R. Coleção: **O que é: Jazz, Rock e Música Sertaneja**. Primeiros Passos. Vol. 18. São Paulo. 1995.

CALDAS, Waldenyr **Acorde na Aurora: música sertaneja e indústria cultural**. SP. Companhia Ed. Nacional, 1977.

- CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do rio bonito:** estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo. Editora 34, 9ª ed, 2001.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, S.A, 1990.
- FURTADO, Joaci Pereira. VILLA, Marco Antonio. **Coleção Caminhos da História.** São Paulo: Editora Ática. 1ª ed., volumes 1 a 4. 2005.
- GOFF, Jacques Le. **História e Memória.** Campinas: Ed. Unicamp, 1996. P. 109.
- LOBATO, Monteiro. **Urupês.** Brasiliense, 11ª ed. São Paulo, 1961, p. 292.
- MOZER, Sônia Maria; NUNES, Vera Lúcia Pereira Telles; **Coleção Descobrimo a História.** São Paulo: Ática, 1ª ed., volumes 1 e 2. 2005.
- PILETTI, Nelson e Claudino. **Coleção História & Vida Integrada.** São Paulo: Editora Ática. 2ª ed., 1ª impressão, volumes de 1 a 4. 2005.
- SILVESTRINI. Bernardino V, ZAN. Mario. SANTOS. Elpídio dos. **Nova Flor.** São Paulo: phonodisc, 1958. 1 disco (36 min): 33 rpm, microsulco, estéreo. 0-34-405-404.
- SNYDERS, Georges. **A alegria na escola.** São Paulo: Ed. Manole Ltda, 1988.
- SOUZA, Arlindo Pinto de. **Mário Zan, Nonô Basílio e o Duo Irmãs Celeste, Unidos Num Grande Lançamento: Tupiana.**In revista Sertaneja, setembro de 1958, nº 6, p. 4.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade: 1780-1950.** Trad. Leônidas H. B. Hegenberg et al. São Paulo, Editora Nacional, 1969.